

A ORIGEM ONTOLÓGICA DO COMPORTAMENTO TEÓRICO NA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER

Carine de Oliveira¹

Resumo: Ao tematizar a origem ontológica do comportamento teórico, Martin Heidegger, através da fenomenologia hermenêutica, busca explicitar as condições existenciais de possibilidade para que o ser humano possa existir no modo da pesquisa científica. Por trás dessa problemática, está em jogo a elaboração de um conceito existencial de ciência em que esta passa a ser vista não mais, exclusivamente, como um sistema de fundamentação de sentenças verdadeiras, mas também como um modo de existir fundado no modo primário de ser-no-mundo. Nesse sentido, Heidegger defende que os modos epistemologicamente especializados de descoberta teórica, enquanto fundados no ser-no-mundo, são derivados da atitude prática cotidiana do *Dasein*, orientada compreensivamente. Assim sendo, os procedimentos estruturais constitutivos do comportamento teórico, tais como a objetificação e tematização, têm sua origem na modificação do sentido de ser projetado compreensivamente, bem como na elaboração explicativa da compreensão de ser que rege as ocupações cotidianas. É a partir, portanto, da análise e explicitação dessa modificação que Heidegger busca apresentar as condições necessárias para a origem ontológica da ciência, enquanto comportamento teórico, bem como delinear um conceito de ciência baseado na existência autêntica compreendida como decisão em função da verdade.

Palavras-chave: Heidegger. Origem ontológica. Comportamento teórico. Ciências.

Considerações Iniciais

A interpretação da filosofia de Martin Heidegger, possibilitada em grande parte pela contínua publicação de sua obra completa, tem permitido a clarificação de vários elementos da fenomenologia hermenêutica que, historicamente, foram alvo de críticas provenientes das mais diversas correntes filosóficas. Entre tais críticas, recentemente Lorenz B. Puntel, na obra *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*², acusa Heidegger de “polemizar” contra os elementos constitutivos da teoreticidade³. Ou seja, contra aqueles elementos que

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: cari.oliv@yahoo.com.br. Tel.: (55) 9906-4298.

² Tal obra constitui-se como uma compilação de vários ensaios em que discussões relevantes da história da filosofia são analisadas como uma etapa necessária para a construção da filosofia sistemático-estrutural delineada, por Puntel, sobretudo, em *Estrutura e Ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. O contexto de discussão de *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia*, que, no presente texto, tomo como ponto de partida, refere-se ao Capítulo VII, intitulado *A crítica da metafísica em Carnap e Heidegger: análise, comparação e crítica*. Nesse capítulo, destacam-se os posicionamentos do autor acerca da crítica à metafísica originada no cerne de duas das grandes correntes filosóficas do século XX. Tratam-se das discussões realizadas por Martin Heidegger e Rudolf Carnap na perspectiva da filosofia continental e da filosofia analítica, respectivamente.

³ Para Puntel, teoreticidade designa o caráter da dimensão no interior da qual são desenvolvidas teorias. É a dimensão das ciências, mas da qual faz parte também a filosofia. Cf. PUNTEL, L. B. *Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 99.

direta ou indiretamente estão relacionados a uma teoria, tais como linguagem, conhecimento, axiomas, regras lógicas, etc. Em termos gerais, para Puntel, a fenomenologia heideggeriana caracteriza-se por uma contrariedade ou rejeição a uma filosofia orientada lógica, conceitual e teoreticamente⁴. É compreensível que Puntel cobre de Heidegger um compromisso com uma investigação teórica, uma vez que, para ele, filosofia, assim como a ciência, é teoria.

[O] que diferencia a dimensão expositiva filosófica da pragmática e artística é justamente seu caráter teórico: trata-se de uma atividade teórica, de um 'produto' teórico, de uma referência teórica ao mundo, do mundo teoricamente articulado – e isto significa: teoricamente exposto⁵.

Porém, ainda que Puntel pretenda, com *Em busca do objeto e estatuto teórico da filosofia*, realizar um estudo crítico no âmbito da história da filosofia lançando mão de uma interpretação rigorosa realizada com recursos históricos, filológicos, conceituais, argumentativos⁶, ele não leva em consideração elementos de base da fenomenologia hermenêutica. Sem questionar seu mérito em relação às contribuições filosóficas que tem proporcionado com as investigações em que busca pensar a filosofia como um todo sistematicamente articulado, proponho-me, nesse texto, a apresentar a descrição fenomenológica de Heidegger acerca da estruturação do comportamento teórico. Tal tematização traz a possibilidade de uma compreensão diversa da interpretação de Puntel, pois é possível verificar um esforço, de Heidegger, não por rebaixar a teoreticidade a uma dimensão de segunda classe, mas muito mais por elaborar as condições ontológicas de possibilidade da descoberta teórica⁷, por descortinar a essência originária do teórico⁸.

Diante dessa problemática, se na discussão fenomenológica a primazia do ontológico em relação ao epistemológico é defendida, isto ocorre na medida em que, para Heidegger, a constituição ontológica dos entes deve ser o ponto de partida a ser considerado por qualquer investigação teórica. E se, nesse sentido, a práxis cotidiana é tomada em primeiro plano nas investigações, esse aspecto não representa, contudo, por parte da fenomenologia hermenêutica, uma recusa aos modos teóricos de investigação. Antes, o que Heidegger reivindica, através do método fenomenológico e remetendo a discussão para um nível antepredicativo de realização do sentido, é um mostrar, um fazer ver que os modos teóricos não conseguem dar conta.

⁴ PUNTEL, L. B. *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 251.

⁵ PUNTEL, L. B. *Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 97.

⁶ PUNTEL, L. B. *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 12.

⁷ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 371.

⁸ HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a, p. 212.

A origem ontológica do comportamento teórico

Um primeiro aspecto a ser considerado quanto às discussões heideggerianas a respeito da atitude teórica, conhecimento, ciências, é que a estas subjaz uma crítica à interpretação do conhecimento do mundo externo consolidada pelo paradigma cartesiano. Na perspectiva cartesiana, a única e autêntica via de acesso a esse ente⁹ é o conhecimento, a *intellectio*, especialmente no sentido do conhecimento físico-matemático. Tal interpretação, orientada ontologicamente pelo ser enquanto “permanência do simplesmente dado”, modelou não apenas a epistemologia, mas foi decisiva quanto ao modo de conceber o comportamento teórico, uma vez que o ser do existente humano é apreendido do mesmo modo que o ser da *res extensa*¹⁰.

Nesse sentido, com a fenomenologia, Heidegger trabalha para desinflar o conjunto de ideias pressuposto pelo modelo cartesiano, buscando mostrar que todo o conhecimento funda-se no modo de ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*). Trata-se, portanto, de um diagnóstico que toma a noção de ser-no-mundo, ou seja, uma instância existencial como ponto de partida ou condição de possibilidade para toda e qualquer explicação científica ou epistemológica. Assim sendo, a atitude teórica das ciências, na medida em que derivada do comportamento prático cotidiano orientado circunspectivamente, é interpretada como um modo do ser humano comportar-se¹¹ no mundo e não apenas com base na perspectiva proposicional e justificacional.

Ao descrever a cotidianidade do existente humano (*Dasein*), Heidegger destaca que este é constituído por uma estrutura hermenêutica, ou seja, uma estrutura compreensiva interpretativa que possibilita que os entes sejam descobertos a partir de uma totalidade significativa. A condição de possibilidade de apreensão de tal totalidade efetiva-se pela compreensão própria do *Dasein* da situação em questão que já sempre se encontra. Resulta disso que toda possibilidade de inteligibilidade se radica em um horizonte compreensivo originado de nosso envolvimento ocupado no mundo.

Heidegger, com base na sua abordagem do *Dasein*, estabelece como modos de acesso pré-científicos aquilo que terminologicamente descreve como modos de comportamento da ocupação circunspectiva – do trato ocupado com o ente, junto ao qual, em cada caso, residimos¹².

A intenção por trás da tematização da origem ontológica do comportamento teórico é compreender como a ocupação prática, guiada pela circunspecção (*Umsicht*), transforma-se em

⁹ Referência ao mundo compreendido como ente.

¹⁰ Cf. HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 117.

¹¹ “Todo comportamento científico assenta-se sobre a base de um comportamento já existente em relação ao ente”. HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a, p. 211.

¹² VON HERRMANN, F.W. *Der Begriff der Phänomenologie bei Heidegger und Husserl*. Frankfurt: Klostermann, 1981, p. 22.

descoberta teórica. Além disso, consta igualmente no escopo dessa problemática responder a questão sobre as condições de possibilidades, inerentes à constituição de ser do *Dasein* e existencialmente necessárias, para que ele possa existir no modo da pesquisa científica¹³. A finalidade desse questionamento é chegar a um conceito existencial de ciência, deixando claro que deste “difere o conceito ‘lógico’, que compreende a ciência em função de seus resultados, e a define como ‘um conjunto de proposições verdadeiras, isto é, válidas’”¹⁴. Com tal conceito existencial de ciência, Heidegger percorre outra via de compreensão, passando, portanto, como já foi dito, a considerar as ciências como um modo de existir, isto é, “como modo de ser-no-mundo, que descobre e abre o ente e o seu ser”¹⁵. Todavia, os modos de existência uma vez que são modos de abertura de mundo e de encontro com entes caracterizam-se a partir de projeções de ser. As condições de possibilidade do comportamento teórico, por conseguinte, são referidas à abertura (*Erschlossenheit*) de ser e à projeção (*Entwurf*) dos diferentes sentidos de ser. Desse modo, a projeção do ser do ente “torna possível a atitude teórica, ou seja, o tornar manifesto o ente exclusivamente em virtude de seu desvelamento”¹⁶.

A tese heideggeriana, portanto, é de que os modos teóricos de comportamento encontram-se ancorados em condições estruturais que são concernentes à natureza existencial do *Dasein*. O surgimento do comportamento teórico, nesse sentido, é compreendido como modificação a partir dos modos de existir da vida prática cotidiana. Contudo, tal modificação não implica uma suspensão da práxis, uma abstenção de todo manejo, pois “assim como a prática possui seu ver específico (‘teoria’), assim também não há investigação teórica que não tenha sua prática própria”¹⁷. O que ocorre, nesse processo, é que a intencionalidade do comportamento teórico está direcionada exclusivamente para o descobrimento exposto dos entes. Ou seja, nessa modificação da finalidade do comportamento teórico, verifica-se um descobrimento de entes voltado para o puro descobrimento. O elemento que regula a investigação deve ser tão somente o ente considerado em si mesmo e não numa vinculação à totalidade significativa na qual se insere¹⁸. Assim sendo,

a atitude teórica negligencia as projeções nas quais está fundada acreditando que ela realmente encontra fatos nus e não mediados, ou, além disso, ela supõe que essas projeções podem em si mesmas ser explicadas propriamente em termos simplesmente dados¹⁹.

Quando se fala, por exemplo, o martelo é pesado, esta frase pode expressar uma reflexão resultante do uso da ferramenta martelo numa ocupação que ao manejar tal instrumento percebe que

¹³ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 371.

¹⁴ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 371.

¹⁵ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 371.

¹⁶ HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a, p. 213.

¹⁷ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012, p. 971.

¹⁸ Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. § 69b.

¹⁹ RICHARDSON, J. *Existencial epistemology: a heideggerian critique of the cartesian project*. New York: Oxford University Press, 1986, p. 51.

seu peso dificulta ou facilita o manejo. Porém, a mesma frase pode significar que o ente descoberto circunspectivamente como martelo tem a propriedade de ser pesado. Nesse último caso, o martelo já não é mais visto como uma ferramenta que possui alguma serventia para o existente humano e a partir de uma totalidade instrumental, mas tão somente como um corpo dotado da propriedade do peso. “O ente que se acha a nossa frente não é mais tomado como uma coisa de uso [...], não é mais tomado como objeto do processamento e do zelo técnicos, mas como um corpo material por si subsistente”²⁰. Esse aspecto consiste, como afirma Heidegger, em “uma ‘nova’ reconsideração do manual que vem ao encontro como algo simplesmente dado”²¹.

A pura descoberta dos entes em seu caráter simplesmente dado (*Vorhandenheit*), realizada pelos modos teóricos de investigação, resulta de uma modificação do sentido de ser projetado compreensivamente. O sentido de ser projetado pela compreensão como algo à mão (*Zuhandenheit*) passa a ser projetado como algo simplesmente-dado (*Vorhandenheit*). Ou seja, os entes inicialmente considerados quanto a sua serventia e inseridos numa trama significacional, passam a ser vistos pelas suas propriedades isoladas, em seu caráter de subsistência. A modificação da compreensão de ser do ente intramundano torna-se mais clara quando este é tomado a partir de sua natureza física. No exame da natureza física do ente temático da pesquisa científica, não só a serventia do ente é preterida, como se torna indiferente o lugar ocupado por ele no mundo ambiente (*Umwelt*)²². “O lugar transforma-se em posição no espaço e no tempo, em um ‘ponto do mundo’, que não se distingue de nenhum outro”²³. Com a modificação da compreensão de ser, o próprio mundo ambiente já não tem mais limites para que se queira reivindicar que o lugar do ente no mundo seja delimitado. Interessa apenas a tematização do todo de um ente simplesmente dado, de modo que mais segura será a investigação metodológica “[quanto] mais adequadamente se compreende o ser daquele ente a ser pesquisado a partir da compreensão de ser e quanto mais se articula, em suas determinações fundamentais, a totalidade de um ente enquanto possível região de objetos de uma ciência”²⁴.

Todavia, esse aspecto não é decisivo para que ocorra o comportamento teórico. O ente não precisa perder seu caráter manual para tornar-se objeto de uma investigação teórica. É o caso, por exemplo, tanto da história quanto economia em que o caráter manual do ente pode ser considerado nas investigações por elas realizadas.

A modificação da compreensão de ser não parece necessariamente constitutiva da gênese do comportamento teórico “em relação às coisas”. Certamente, que não –

²⁰ HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a, p. 199.

²¹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2008, p. 450.

²² Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. § 69b.

²³ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2008, p. 450.

²⁴ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2008, p. 451.

se “modificação” quer dizer: mudança naquilo que a compreensão compreende como o modo de ser do ente que está diante²⁵.

Decisivo para a origem do comportamento teórico é a modificação da elaboração explicitativa da compreensão de ser constitutiva dos modos de ocupação prática cotidiana do existente humano, ou seja, a modificação da maneira como se realiza a investigação. A possibilidade da atitude de objetificação, estruturalmente necessária ao comportamento teórico, é decorrente de tal transformação da compreensão de ser. O processo de objetificação origina-se de uma modificação que consiste na efetivação elaborada e explícita do projeto, concernente à compreensão, não apenas para um único sentido de ser. A compreensão de ser projetada, de modo explícito e elaborado, instaura a possibilidade de um domínio ôntico de investigação, abrindo modos diversos de acesso à pura descoberta. “O projeto científico do ente com o que, de alguma maneira, já sempre nos encontramos faz compreender explicitamente o seu modo de ser, e de tal forma que com isso tornem-se manifestos os diferentes caminhos para o puro descobrimento do ente intramundano”²⁶. Portanto, a condição necessária para a origem ontológica dos modos teóricos de investigação não é a projeção do ente em seu caráter simplesmente dado, mas a projeção explícita e elaborada do sentido de ser do domínio de referência teórica em questão.

A partir da análise e explicitação dessa modificação, Heidegger busca apresentar as condições necessárias para a origem ontológica da ciência, enquanto comportamento teórico que descobre entes, bem como delinear um conceito de ciência baseado na existência autêntica compreendida como decisão em função da verdade. Tal tarefa guarda um compromisso com a estruturação dos conceitos fundamentais da compreensão de ser da qual são dependentes,

os fios condutores dos métodos, a estrutura do aparato conceitual, a correspondente possibilidade de verdade e certeza, o modo de fundamentação e demonstração, a modalidade do caráter vincutivo e o modo de comunicação. O conjunto desses momentos constitui o conceito existencial pleno da ciência²⁷.

Na elaboração do conceito existencial de ciência, o comportamento teórico é também caracterizado, por Heidegger, em sua estrutura fundamental, pelos procedimentos de tematização e objetificação. A tematização corresponde à totalidade do projeto científico, ao qual “pertence a articulação da compreensão de ser, a delimitação do domínio de objetos guiada por essa compreensão

²⁵ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 375.

²⁶ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 377.

²⁷ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 377. Fica claro, com essa assertiva, que os elementos que Puntel afirma como constitutivos da dimensão da teoreticidade, tais como linguagem, conhecimento, regras lógicas, são, de algum modo, contemplados nos momentos que Heidegger afirma como relativos ao conceito existencial de ciência. Se nessas discussões, Heidegger não fala sobre esses elementos, do modo como Puntel espera, é porque a intenção está voltada antes para a estruturação da compreensão de ser da qual eles são dependentes. Assim, tendo em conta que o compromisso de Heidegger com sua *Ontologia Fundamental* é, prioritariamente, com a retomada da problemática do ser, é apressado exigir que Heidegger se ativesse a uma discussão no nível que Puntel requer.

de ser, e o delineamento do aparato conceitual adequado ao ente”²⁸. Em outras palavras, esse procedimento, através da elaboração e articulação de conceitos fundamentais, abre um domínio de objetos que servirá de base para a realização da descrição teórica.

A tematização deixa livre os entes intramundanos para serem tornados objetos da investigação, para que possam ser projetados para uma pura descoberta. Todavia, a tematização somente é possível a partir de um transcender, de uma ultrapassagem do ser humano para além das fronteiras do ente²⁹, em direção às significações em que algo é identificado como algo determinado. Por exemplo, algo identificado como objeto temático da investigação; algo identificado como prática científica ou como aparelhamento de pesquisa, etc. Portanto, a apropriação de *algo como algo* só é possível enquanto apoiada na condição de transcendência do *Dasein*, isto é no *factum* da compreensão de ser que já sempre nos acompanha seja nas ocupações cotidianas, seja no modo da pesquisa teórica.

Consoante a isso, a partir da projeção realizada tematicamente decorrem diferentes caminhos de realização do descobrimento científico orientado para a objetificação. Assim, a tematização objetifica na medida em que torna o ente um objeto. Não é a existência em si do ente que é posta como objeto, mas o ente é tornado objeto para a investigação como um polo suscetível à interrogação e determinação. A objetificação, desse modo, consiste numa possibilidade que produz a compreensão explícita de ser que permite o comportamento científico enquanto tal. Uma vez que a finalidade do comportamento teórico é a descoberta e delimitação de um determinado domínio ôntico, a objetificação efetiva expressamente uma projeção de ser em conformidade com tal finalidade. Ou seja, efetiva uma projeção do ente como um objeto portador de propriedades, em que a enunciação descritiva e a justificação são compreendidas como os processos apropriados na relação com esse ente. Assim sendo, os entes deixam de ser projetados em virtude de seus propósitos práticos relacionados a interesses e projetos humanos, para serem apreendidos, exclusivamente, em sua remissão a domínios de objetos³⁰.

Tanto a tematização como a objetificação têm sua origem numa modificação que consiste na elaboração explicitativa da compreensão de ser que rege as ocupações cotidianas. É a partir da análise e explicitação dessa modificação que Heidegger busca apresentar as condições necessárias para a origem ontológica da ciência, enquanto comportamento teórico, bem como delinear um conceito de ciência baseado na existência autêntica compreendida como decisão de existir em função da verdade. A decisão de existir em função de uma possibilidade existencial remetida à verdade, ou seja em função do desvelamento de entes em que o ente é manifesto nele mesmo, como algo totalmente específico³¹, diz respeito a um existir voltado para a pura descoberta, tematização e objetificação de entes³². E é,

²⁸ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b, p. 377.

²⁹ Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. § 69b.

³⁰ Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. § 69b.

³¹ Cf. HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a, p. 212.

³² Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. § 69b.

nesse sentido, que o comportamento teórico referido à verdade pode ser entendido em seu vínculo a enunciados verdadeiros e de descoberta de entes de um determinado campo de referência teórica. Verdade, nesse sentido, como é possível verificar, não diz respeito à noção ontológica vinculada à abertura (*Erschlossenheit*), mas se funda nessa verdade originária e na transcendência. Assim, este existir que se projeta para o poder-ser na verdade tem como condição necessária que o existente humano seja constituído pelo modo de ser da abertura, como ente que enquanto ser-no-mundo descobre entes em geral e não apenas no modo da pesquisa teórica.

Considerações finais

Em síntese, as explanações sobre a origem ontológica do comportamento teórico permitem uma compreensão diversa da interpretação que sustenta que a filosofia heideggeriana se constituiria, entre outros aspectos, por uma rejeição à teoreticidade. Antes, tais discussões levam ao reconhecimento de uma dimensão³³ filosófica nos fundamentos da investigação teórico-científica. A fundação de uma ciência traz presente em si uma série de conceitos e condições que não dizem respeito a questões instauradas pelas próprias ciências, pois são questões de natureza filosófica. A tematização desses supostos pode ser caracterizada como uma fundamentação que, por ser filosófica, compreende investigações sobre a objetificação e tematização específicas de cada disciplina científica. É nesse sentido que a filosofia “pode abrir um nível de compreensão que é em princípio fechado às ciências”³⁴. Além disso, Heidegger, ao chamar atenção com suas reflexões para um nível antepredicativo, está também querendo mostrar que qualquer teórico/pesquisador já se acha sempre dependente de uma instância mais ampla do que o domínio de entes ao qual se atém. Instância essa que mesmo Puntel, enquanto filósofo que se propõe a formular teorias, também não escapa.

Com a presente exposição, pretendi deixar claro que a origem do comportamento teórico descobridor é possibilitada pelos procedimentos de tematização e objetificação. Todavia as condições necessárias de sua possibilidade, ou seja, as condições ontológicas são delineadas através da transcendência (o já estar sempre em uma compreensão de ser que conduz para além dos limites do

³³ Dimitri Ginev (University of Sophia – Bulgária) designa esta dimensão como contexto de constituição e defende que a fenomenologia heideggeriana, em sua reformulação da fenomenologia transcendental husserliana, fez surgir um novo paradigma que é o da análise constitucional. Nesse novo paradigma, instaurado através da reformulação hermenêutica da fenomenologia, a interpretação passa a ser compreendida como uma realização intrínseca a todas as atividades humanas, inclusive teóricas, e não tão somente como um procedimento epistemológico. Ginev busca mostrar, dentro de uma concepção fenomenológico-hermenêutica da pesquisa científico-natural, que é possível uma interpretação da racionalidade científica para além de um “fundacionalismo epistemológico”. Seu objetivo, porém, é tão somente “delinear um contexto de estudo da pesquisa científico-natural na qual a estrutura prévia hermenêutica específica do fazer tal pesquisa pode ser revelada” (GINEV, *On the hermeneutic fore-structure of scientific research*. Continental Philosophy Review, 32: 143-168, 1999.). Ao ser interpretada nessa perspectiva, a estrutura prévia hermenêutica da pesquisa científica permite que se compreenda a ciência como um modo particular/característico de ser-no-mundo.

³⁴ GUIGNON, C.B. *Heidegger and the problem of knowledge*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1983, p. 183.

ente), a abertura do *Dasein*, a decisão do *Dasein* na qual ele se projeta para o poder-ser na verdade e a modificação elaborada de modo explícito da compreensão de ser. Acrescento que uma discussão que pretenda oferecer uma resposta suficientemente elaborada e esclarecedora à crítica que Puntel faz a Heidegger, em todos os aspectos por ele analisados, deverá levar em consideração uma análise de outros elementos que a discussão fenomenológica sobre a origem da atitude teórica contempla³⁵. Além disso, deve ter em seu escopo uma investigação sobre o modo como a questão conceitual, da lógica e do conhecimento estão articuladas em seu pensamento, tanto em *Ser e tempo* como em outras de suas obras.

Um diálogo com Puntel envolve, certamente, uma análise aprofundada de sua concepção de teoreticidade e de outros aspectos concernentes à teoria sistemático-estrutural. Contudo, pelo fato da fenomenologia hermenêutica e da filosofia sistemático-estrutural pertencerem a paradigmas diferentes, por contarem com uma linguagem própria, métodos e objetos diferentes, é uma atitude apressada defender qualquer possibilidade de aproximação ou relação entre as duas abordagens sem ao menos ter claro os critérios demandados por um diálogo desse teor. A intenção desse texto foi, tão somente, mostrar a possibilidade de um esclarecimento, com base na fenomenologia hermenêutica, da crítica sobre a questão da teoreticidade deferida por Puntel a Heidegger na obra *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia*. Em momento algum se quis afirmar que as elaborações heideggerianas estão livres de lacunas, de insuficiências, pois, como afirma Stein referindo-se ao *princípio da caridade* de Davidson, “em Filosofia, se tivermos de nos esgotar em argumentações ao infinito terminamos renunciando a qualquer posição filosófica”³⁶ ou nos encerramos “numa posição filosófica incapaz de reconhecer os limites de seu standard de racionalidade”³⁷. Contudo, não está descartada a possibilidade de complementaridade entre uma abordagem e outra, na medida em que as críticas de Puntel a Heidegger e mesmo outras temáticas da teoria sistemático-estrutural nos servem como ponto de apoio para refletir sobre determinados limites do pensamento de Heidegger.

Referências

GINEV, Dimitri. *On the hermeneutic fore-structure of scientific research*. Continental Philosophy Review, 32: 143-168, 1999.

GUIGNON, C.B. *Heidegger and the problem of knowledge*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1983.

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 17. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1993.

³⁵ Uma discussão sobre a derivação do enunciado em relação à interpretação, sobre os modos obstruídos de ocupação, sobre a temporalidade.

³⁶ STEIN, E. *Exercícios de Fenomenologia: limites de um paradigma*. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 138.

³⁷ STEIN, E. *Exercícios de Fenomenologia: limites de um paradigma*. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 139.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2008.

_____. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009b.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

PUNTEL, L. B. *Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

_____. *Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

RICHARDSON, J. *Existencial epistemology: a heideggerian critique of the cartesian project*. New York: Oxford University Press, 1986.

STEIN, E. *Exercícios de Fenomenologia: limites de um paradigma*. Ijuí: Unijuí, 2004.

VON HERRMANN, F.W. *Der Begriff der Phänomenologie bei Heidegger und Husserl*. Frankfurt: Klostermann, 1981.